



Cisgênero e Cissexual^{©1}

Peter Cava (Louisiana State University)²

Patrick de Almeida Trindade Braga (PPGS/UFGD)³

Rubens Mascarenhas Neto (Freie Universität Berlin)⁴

Vinícius Zanoli (Freie Universität Berlin)⁵

O termo *cissexual* é normalmente definido como “não-transsexual” e o termo *cisgênero* é normalmente definido como “não-transgênero”. *Cissexual* e *cisgênero* perturbam as relações marcadas-não marcadas entre transexualidade e não-transexualidade e entre transgeneridade e não-transgeneridade, relações nas quais a feminilidade não-transsexual, não-transgênero é uma norma não marcada para a feminilidade e a masculinidade não-transsexual, não-transgênero é uma norma não marcada para a masculinidade.

Os prefixos *cis* e *trans* são antônimos: grosso modo, *cis* significa “ao lado de (algo)” e *trans* significa “ao lado oposto de (algo)”. A distinção cis-trans foi trazida à sexologia por Ernst Burchard em 1914. Burchard contrastou *Cisvestitismus* (a inclinação de se vestir usando roupas condizentes com o sexo designado) a *Transvestitismus* (travestismo ou *cross-dressing*⁶). O termo *cissexual* foi cunhado pelo sexologista Volkmar Sigush em 1991. O termo *cisgênero* começou a circular em fóruns de discussão online entre pessoas transgênero em meados dos anos 1990. Dana Leland Defosse e John Hollister o usaram em 1994 e Carl

¹ Originalmente publicado em: The Wiley Blackwell Encyclopaedia of Gender and Sexuality Studies, First Edition. Edited by Nancy A. Naples. © 2016 John Wiley & Sons, Ltd. Published 2016 by John Wiley & Sons, Ltd.

² Autor. petercava@gmail.com

³ Tradutor. patrick.braga006@academico.ufgd.edu.br

⁴ Revisor técnico da tradução. rubensmascneto@hotmail.com

⁵ Revisor técnico da tradução. vzanoli@gmail.com

⁶ O termo transformista foi por muito tempo utilizado como um sinônimo ao termo inglês cross-dresser, para fazer referência às pessoas que performavam o gênero (supostamente) oposto em determinados contextos, fossem sexuais ou artísticos. Entretanto, enquanto transformismo é uma categoria atualmente em desuso, o anglicismo ainda é utilizado com frequência dentro de meios LGBTQIA+, motivo pelo qual, opto por mantê-lo na tradução. (Nota da Tradução).



Buijs o cunhou de forma independente em 1995. A bióloga Julia Serano popularizou os termos em 2007. *Cisgênero* se tornou paulatinamente popular em classes de gênero e sexualidade⁷ em 2008 e em publicações revisada por pares em 2009. Sua utilização nos estudos sobre gênero e sexualidade foi levada a cabo sob escrutínio crítico intenso, particularmente por parte de A. Finn Enke (2012).

A cissexualidade é normalmente definida como constituinte exterior à transexualidade. Em uma definição ortodoxa, transexual é uma pessoa com duas características: primeiramente, a pessoa devolve uma identidade de gênero (uma autoidentificação como mulher, homem ou com algo além do binarismo) oposta à do seu sexo de nascimento; em segundo lugar, a pessoa alinha a maioria de seus caracteres sexuais primários e secundários com a sua identidade de gênero através de terapia de reposição hormonal e cirurgia de redesignação sexual (atualmente conhecida como cirurgia de confirmação de gênero).

Mais recentemente, a relação entre essas duas características foi desestabilizada por fenômenos como pessoas trans não-hormonizadas e não-operadas e pela identidade de gênero *queer*⁸. Uma pessoa com uma identidade de gênero transexual pode ser não-hormonizada e não-operada, por não ter buscado e não recebido o tratamento de reposição hormonal ou a cirurgia de confirmação de gênero, seja porque a transição médica é demasiado difícil de se acessar (especialmente para alguém menor de idade, pobre, racializado/a ou indocumentado), arriscada (especialmente na falta de supervisão profissional), ou simplesmente indesejada. Ademais, uma pessoa pode ter buscado ou recebido terapia de reposição hormonal e cirurgia de confirmação de gênero, mas possuir uma identidade de gênero não-binária ou mesmo não ter uma identidade de gênero (agênero).

Hoje, uma forma convencional de se explicar a distinção entre transexualidade e cissexualidade é a seguinte: transexual é uma pessoa com uma identidade de gênero oposta à de seu sexo de nascimento, enquanto cissexual é uma com uma identidade de gênero que *condiz* com o sexo de seu nascimento. Tal explicação é contestável de pelo menos quatro formas. Primeiramente, se a cissexualidade é conceitualizada como um constituinte exterior à

⁷ Ou em aulas sobre gênero e sexualidade (Nota da Tradução).

⁸ No original o autor utiliza o neologismo *genderqueerness*, (Nota da Tradução).



transexualidade, então esta explicação apaga as identidades de gênero não-binárias. Em segundo lugar, ao contrário das formas adjetivas *pessoa transexual* ou *cissexual*, as formas substantivas objetificam as pessoas ao defini-las somente por sua transexualidade ou cissexualidade em detrimento de sua subjetividade/personalidade⁹. Ademais, a palavra *oposto* nega a possibilidade de que feminilidade e masculinidade sejam, ou possam ser, socialmente constituídas como análogas. Por fim, o sexo de nascimento não é uma base suficientemente sólida a partir da qual se poderia medir a distância para a identidade de gênero.

No lugar da expressão *sexo de nascimento* pode-se dizer *sexo designado*, *sexo designado no nascimento*, *gênero designado* e *gênero designado no nascimento*. Essas variações sugerem quão questionável é o sexo enquanto categoria. Ele pode ser conceitualizado a partir da perspectiva do essencialismo ou do construcionismo social. De acordo com a perspectiva essencialista, feminilidade ou masculinidade são pertences essenciais do corpo. Uma perspectiva construcionista social pode enfatizar a discursividade da designação sexual (através de palavras como *clitóris*, *pênis* ou *genitália ambígua*), da designação cirúrgica do sexo (através de cirurgia de designação sexual) ou a designação burocrática do gênero (através de documentos, como a certidão de nascimento). A designação discursiva pode ser feminina, masculina ou intersexo, e a designação cirúrgica ou burocrática podem ou não se alinhar normativamente, e essas designações podem ou não mudar com o tempo. A miríade de possibilidades levanta questões complicadas acerca da relação cissexualidade e corporeidade.

Da mesma forma que a cissexualidade é comumente conceitualizada como um constituinte exterior à transexualidade, a cisgeneridade é com frequência tratado como o constituinte exterior à transgeneridade. As distinções entre transexualidade e transgeneridade se baseiam nas distinções entre sexo (que pode ser definido como a feminilidade, masculinidade ou intersexualidade biológica), gênero (que pode ser definido como a sociabilidade feminina, masculina ou andrógina) e a sexualidade (que pode ser definida como constituída por desejos e comportamentos eróticos bem como identidades baseadas nesses

⁹ Como o termo “*personhood*”, a característica de ser uma pessoa, utilizado no original, não possui uma tradução literal para o português, a tradução opta pelo binômio subjetividade/personalidade. (Nota da Tradução).



desejos e comportamentos). Em 1965, o psiquiatra John F. Oliven usou *transgeneridade* como um sinônimo para *transexualismo* para distinguir o desejo de trocar de gênero dos desejos sexuais. Em 1969, a ativista transgênero Virginia Prince cunhou o termo *transgenderal*¹⁰, argumentando que enquanto transexuais mudavam seu sexo (através de intervenções clínicas), *transgenderals* mudam seu gênero (através do modo como se apresentam socialmente). Nos anos 1970, formas alternativas como *transgênero* tornaram-se termos guarda-chuva para designar um espectro que varia das pessoas transexuais às crossdressers. Nos anos 1980, as identidades trans passaram a fazer parte de um espectro ainda maior, no sentido de “manejo de gênero”. Em 1992, a ativista transgênero Leslie Feinberg politizou o termo *transgênero* ao definir a “libertação transgênero” como um movimento para acabar com a opressão envolvida na atribuição das normas de gênero.

O uso do termo *cisgênero* depende do uso do termo *transgênero*. Se *transgênero* for usado como um sinônimo para *transexual*, então, *cisgênero* o é para *cissexual*. Em contraste, se *transgênero* for usado como um termo guarda-chuva para a não-normatividade de gênero, então *cisgênero* se refere à normatividade de gênero. Tal uso expande o alcance do prefixo *cis* da área da identidade de gênero para a de expressão de gênero e para o sexo (na medida em que sexo é o gênero biológico e não algo a parte dele).

O uso de *cisgênero* para se referir à normatividade de gênero é controverso quando utilizado para se referir a pessoas. Essa controvérsia se dá por três questões. Primeiramente, na medida em que todas as pessoas se desviam e são, ao mesmo tempo disciplinadas pelas normas de gênero, *pessoa cisgênero* torna-se um referencial vazio. Negar essa ausência é apagar a variação de gênero e o poder disciplinar das normas de gênero para pessoas não identificadas como transgênero. Em segundo lugar, quando os indivíduos não se identificam como cisgênero, identificá-los como tal poderia desrespeitar suas identidades e o direito à autodeterminação. Em terceiro, em grupos sociais que possuem a não-normatividade de gênero como cara ou central, identificar certos indivíduos como cisgênero pode marginalizá-los ou rebaixá-los.

¹⁰ Opto por manter a forma original do termo *transgenderal* por pensar que outras variações na língua portuguesa, por não terem sido cunhadas à época, não conseguiriam exprimir a mesma ideia de uma categoria que ocupa uma posição transicional, entre o clínico termo transexual e o construtivista transgênero (Nota da Tradução).



Formas alternativas de *cissexual* ou *cisgênero* incluem os termos *cis*, *cis-* e *cisgenerificado*. *Cis* pode servir como uma abreviação para *cissexual*, *cisgênero* ou ambos. O hífen em *cis-* significa uma não conclusão, indicando que a pessoa não deseja excluir as possibilidades que o radical *cis* traz em si (possibilidades como referentes a sexo e gênero). *Cisgenerificado* – um adjetivo participial - implica que *cisgênero* é um verbo. Ou seja, expressado na voz ativa, alguém ou um discurso *cisgenerifica* uma pessoa; expressado na voz passiva, a pessoa é *cisgenerificada* (por alguém ou um discurso); assim, uma pessoa *cisgenerificada* existe. Ao se utilizar a forma adjetiva participial, pode-se indicar que se deseja identificar e teorizar a natureza do processo que *cisgenerifica*.

A família de concepções *cis* inclui o olhar *cisgênero* (um olhar que objetifica e não identifica pessoas *transgênero* da maneira condizente com sua identidade), o *cisgeneridade* (uma ideologia que privilegia o sujeito *cisgênero*), o *cisplaining* (quando se explica condescendentemente gênero para pessoas *transgênero*), a *cisnormatividade* (o regime de normas *cis*), o *cissexismo* (uma ideologia que privilegia a *cissexualidade*), a *presunção cissexual* (a pressuposição de que experiências de corporeidade *cissexual* são universais (Serano, 2007)) e a *autorização cissexual de gênero* (a crença de que pessoas *cissexuais* são “os juízes definitivos de quais pessoas podem se considerar mulheres ou homens” (Serano, 2007: 166)).

O conceito *cis-relacionado* mais produtivo é o do *privilégio cis*. Em uma definição tradicional, *privilégio cis* é a oportunidade de melhorar sua vida na medida em que essa oportunidade é possibilitada com base na identidade *cis*. Algumas pessoas interpretam identidade em um sentido de *autoidentidade* (o eu psicológico), enquanto outras a interpretam como *a identidade pública* (a representação imagética de um sujeito por si ou por outros). Tais interpretações implicam entendimentos conflitantes acerca da natureza e função de *privilégio*, particularmente quando pessoas *transexuais/transgênero* “passam” por *cis*.

O conceito de *privilégio cis* foi popularizado por “*A checklist do privilégio cis*” (Cedar, 2008). Esta *checklist* detalha exemplos de acessos privilegiados que pessoas *cis* possuem a serviços de saúde, documentos pessoais, aconselhamento jurídico, representação na mídia, banheiros públicos, bem como as expectativas privilegiadas de privacidade, reconhecimento, respeito, autodeterminação, apoio e validação. Estudos posteriores analisam o *privilégio cis*



em certos contextos sociais, como os espaços gays masculinos (Walls; Costello, 2010) e aeroportos (Shepherd; Sjoberg, 2012).

A realidade do privilégio cis é negada por membros de uma subcultura de feministas radicais, por vezes conhecida como feminismo radical transexcludente. Membros desta subcultura acreditam que privilégio/opressão de gênero opera exclusivamente no eixo macho/fêmea; que privilégio é concedido ao se criar certas pessoas como homens e que a opressão de gênero é imposta ao se criar as outras como mulheres. A partir desta perspectiva, *a razão de ser cisgênero* é a seguinte: pessoas trans que foram criadas como homens negariam seu privilégio ao afirmar que são oprimidas como transgênero, e negariam a opressão das fêmeas criadas como mulheres ao afirmar que elas são privilegiadas como cisgênero. Este argumento leva à conclusão de que o termo *cisgênero* não aponta privilégios de gênero, mas os ofusca.

Talvez o sentido mais promissor para futuros estudos sobre cissexualidade e cisgeneridade seja a análise do privilégio cis a partir de uma perspectiva interseccional (que reconheça as distintas experiências produzidas nas intersecções de eixos de privilégio/opressão). Ao perceber que a normatividade de gênero sempre se relaciona com raça, nacionalidade, classe e aptidões físicas, Enke (2012) questiona as constituições mútuas dos privilégios cis e aqueles nesses outros eixos. Além disso, uma vez que algumas mulheres assim designadas em seu nascimento desenvolveram um autoconceito de que são vítimas de opressão de gênero, elas resistem à ideia de que elas podem também experimentar privilégios de gênero, como o privilégio cis; por outro lado, devido à mesma auto concepção, algumas pessoas trans resistem à ideia de que elas podem passar por privilégios de gênero, como os privilégios masculinos. Estudos futuros poderiam iluminar um caminho para além deste impasse ao considerar como gênero em si não compreende um eixo monolítico de opressão/privilégio, mas eixos múltiplos e interseccionais, incluindo cissexual/transsexual, cisgênero/transgênero, homem/mulher e masculino/feminino.



Referências Bibliográficas

CEDAR. 2008. Cis Privilege Checklist: The Cisgender/Cissexual Privilege Checklist. *Taking Up Too Much Space: Trans Misogyny, Feminism, and Trans Activism*. Disponível em: < <http://www.takesupspace.wordpress.com/cisprivilege-checklist>. > Acesso em: 24 jul 2015

ENKE, A. Finn. 2012. The Education of Little Cis: Cisgender and the Discipline of Opposing Bodies. *Transfeminist Perspectives In and Beyond Transgender and Gender Studies*. Philadelphia: Temple University Press, pp. 60–80.

SERANO, Julia. 2007. *Whipping Girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity*. Emeryville: Seal Press.

SHEPHERD, Laura J., SJOBERG, Laura. 2012. Trans-bodies in/of War(s): Cisprivilege and Contemporary Security Strategy. *Feminist Review*, 101: 5–23. DOI: 10.1057/fr.2011.53

WALLS, N. Eugene; COSTELLO, Kelly. 2010. ‘Head Ladies Center for Teacup Chain’: Exploring Cisgender Privilege in a (Predominantly) Gay Male Context. *Explorations in Diversity: Examining Privilege and Oppression in a Multicultural Society*. Belmont: Brooks/Cole, pp. 81–93.